

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar	

PROPIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 »
Repetições	25 »
Annuncios permanentes, contracto especial.	
	25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A REFORMA AGRICOLA

Por onde hade começar esta reforma?

Os interesses d'uma classe não podem considerar-se separados ou independentes das condições com que no mesmo paiz estão todas as outras.

Se os agricultores portuguezes não produzem, nem vendem mais barato que os estranhos, recorrer por isso á liberdade de importação é recorrer a um meio artificial e perturbador da harmonia, das relações naturaes entre as classes que produzem, isto é, entre os preços dos seus productos, é excluir do systema economico uma das mais importantes.

E' força que a agricultura nacional crie por si—mesma os capitães de que precisa, e para o caso em que tenha de valer-se do credito, lembremos a instituição dos bancos escossez, cuja utilidade está provada.

A agricultura scientifica é um ideal, um alvo para o qual iremos caminhando, mas as suas regras demandando em muitos casos, e na maioria das localidades, despesas superiores aos lucros, ou a aos capitães, de que os nossos agricultores não dispõem, não a podemos aconselhar como applicavel immediata e geralmente. Applique-se, onde e quando for lucrativa—mas uma agricultura, que nós aconselhamos, como geral, é a que nós chamaremos—do gado, da agua, e da herva.

Portugal não pôde pôr em pratica uma agricultura excellente, ou perfeita, ao nivel dos melhores modelos

Em todos os paizes bem cultivados o capital de grangeio é enorme em relação ao das agriculturas atrazadas.

N'uma granja prospera da Inglaterra ou da Belgica eleva-se a dez vezes mais que o preço dos arrendamentos, ou ao terço do valor do solo.

A todos parece um meio prompto e effizaz para obtermos a prosperidade agricola o fornecer aos agricultores uma parte do capital circulante—mas se nós estamos á espera de que por este meio se reforme a nossa principal industria, esperamos em vão—1.º porque esse capital não é facil obter-se 2.º porque d'esse que existe não conseguira que uma parte entrasse nos bancos ruraes a juro modico—3.º porque uma exploração lucrativa não se faz com capitães emprestados, e sem capitães não ha uma agricultura tal como a sciencia a requer.

E' diminutissimo entre nós o capital de grangeio, mesmo insufficiente—a um systema, que exija o triplo, ou o dobro, é um systema inapplicavel.

Demais o Estado é um concorrente, hoje terrível. E' um devedor acreditado, pontual, paga com a bolsa do paiz, que o garante—dando juros convidativos, nunca reduzindo as despesas ao nivel das receitas sustenta um mercado sempre aberto aos argentarios.

Indispensavel é portanto, que os nossos agricultores usem de methodos, pelos quaes, melhoran-

do a sua industria, ganhem ao mesmo tempo o capital, de que precisam.

E' forçoso melhorar pelo systema da exploração, e não pelo capital—de modo que este seja o resultado do systema, e não o credito a base, ou o motor da reforma.

Mas d'aqui não se conclua, que não se deve cuidar da organização do credito rural, proveitoso em casos especiaes, o que não nos parece admissivel, é, que a elle se recorra de um modo geral, e d'elle se obtenha a transformação conveniente, e reclamada.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Espanta-se a «irmã» pelo facto de a actual Camara, no principio da sua gerencia, deliberar vender oito contos de réis nominaes de inscrições de assentamento, chamando a essa deliberação um acto de má administração.

Se «ella» dissesse o contrario, extranhavamos nós, porque nunca soube o que era zelar os bens municipaes sabendo si n'plesmente, o que é lezar.

E' do dominio publico, e é verdade, que a gerencia transacta deixou um saldo negativo, porquanto uma quantia insignificante, que ficou em cofre, não chegava para satisfazer os depositos feitos pelos donos de rebanhos de cabras.

A Camara tinha a seu cargo dividas das quaes está a pagar juro de 5 0/0, tinha mais absoluta necessidade de reparar os paços do concelho e ainda a de modificar a actual canalização das aguas.

Não tinha dinheiro para nada d'isto, e quando quizesse recorrer ao emprestimo, teria de pagar juro nunca inferior a 5 1/2 0/0.

Nestas condições, attendendo á cotação das inscrições a esse tempo e ainda hoje, dão estas um juro inferior a 5 0/0, e assim era manifesta a vantagem em recorrer á alienação, em vez do emprestimo.

Para supprir esta falta de rendimento viria o aforamento da Estrumada.

A «irmã» em questões de administração lê pela cartilha dos morgados, que conservam bens dos quaes tiram o rendimento de 2 ou 3 0/0, e devem dinheiro do qual pagam juros a razão de 6 ou 7 0/0, até que a usura leva tudo—rendimentos e bens.

Ambos os «irmãos» estimaram a nomeação do actual administrador do concelho, e assim o declararam, porém deitaram peste no dito. Não poderam encobrir o lucto, que lhes vae n'alma.

Estas harmonias são de data recente e proveem do facto, em que a «irmã», chamando o «irmão» para a sua grey, meigamente, lhe dizia:

Põe aqui o teu pezinho,
Põe aqui ao pé do meu

E quando os pés estavam bem juntinhos, protestaram do lado, e os «dois», em côro, retirando os pés, cantaram:

Ao tirar do teu pezinho
Um abraço te dou eu.
Que saudade!...

Ambos os «irmãos» não levaram a bem que nós a proposito do «Calvario», em que elles querem vêr a camara, lhe dissessemos que a esta succederia como a Christo—estar no meio de dois ladrões.

Foi um jogo malabar de carapuças; cada um sacudiu o que lhe foi possivel.

Nós apenas tinhamos em vista dizer que se a camara fosse para o «Calvario» ia innocente, como foi Jesus, Nazareth, o que não aconteceu aos dois ladrões no meio de quem elle expirou.

E nada mais.

O «irmão», que a principio attribuia a desgraça dos pescadores aos senhorios das companhias, mudou de opinião, e diz cousas amargas ao sr. capitão do porto d'Aveiro, protestando fazer entrar tudo na ordem.

O que ahí vae, Santo Deus!
O sr. capitão do porto é um official da armada dos mais distinctos e fiel cumpridor dos seus deveres, não necessitando de mentores, sobretudo dos de tal jaez.

O «Patarata» é um d'estes rifeiros de prezas já gastas, habituado a lambear as pontas das botas e a ferrar os tacões. E' bem conhecido, mas enganou muita gente.

E' miseravel, como o manifesta, em tudo e por tudo.

Até ao proprio dono morde por instincto, não sendo esse desejo, pois nunca chegou a comprehender os seus deveres. Só serve para comprometter e crear embarcações áquelles a quem imagina ser dedicado.

Diz elle não sei como o honrado consentiu e não se revoltou contra os monumentaes escandalos praticados pelos seus correlegionarios (sim, correlegionarios, porque apesar de independente é limonada), quando occuparam as taes cadeiras *in illo tempore*.

Este bicho quiz dar uma ferradella no «irmão» da «irmã», mas hesitou e voltou o focinho para nós.

Diga, seu «Patarata», quem foram os limonadas que *in illo tempore* estiveram na camara e roubaram?

Esses taes limonadas ainda hoje o são e foram-n'o sempre, ou já se viraram d'alma e vida para a «irmã»?

Solatio est miseris sotios habere penates.

Este patarata beato e impostor que precisa de trez semanas para nos responder, é fundamentalmente estúpido.

D'aquellê bestunte só pode sahir asneira e não admira, se elle rabiscou e terminou o *debique*, co-

mo confessa, sob as boas impressões do Bussaco.

Vinha da festa, isto é como quem diz, não era responsável pelo que escrevia.

Pois se elle é tom bom.

Boletim Elegante

Fazem annos:

No dia 9, o Sr. Antonio Valente d'Almeida, distincto colaborador d'este jornal.

No dia 13, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Annathilde Duarte da Silva, filha do Sr. Antonio Duarte da Silva. Fizeram tambem annos:

No dia 3, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Joanna Raymundo; no dia 6, o Sr. Leopoldo Raymundo; e faz no dia 9, o Sr. Alvaro Raymundo, todos filhos do Sr. José Raymundo, dig.^{mo} sub-chefe-Fiscal dos impostos, n'esta villa.

No dia 1 do corrente, embarcou no rapido da tarde para Lisboa, para d'alli seguir para Maranhão, E. U. do Brazil, o Sr. José Maria Pinta Catalão, a quem desejamos feliz viagem e prosperidades.

Fizeram, na passada 2.^a feira, exame de francez, no Lyceu d'Aveiro, ficando plenamente aprovados, os Snr. João Gomes da Silveira, filho do Sr. Izaac Julio Fonseca da Silveira, e Gaspar Peres de Castro, sympathico e intelligente praticante na pharmacia do Sr. Carlos Alcantara Riffa da Gama Baptista, nosso prezado amigo.

A todos os estudantes e suas Ex.^{mas} familias, os nossos mais sinceros parabens.

Esteve a semana passada entre nós o Sr. Jorge Rodrigues Gavao, importante negociante na Regoa.

Partiu para a Lourinhã com demora de dias de visita ao intelligente juiz d'essa comarca, o nosso sympathico amigo Sr. Dr. Domingos Fidalgo.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

VI

O singular abuso de confiança, de que sempre accusaremos o sr. Passos, e que não nos permite respeitar a sua memoria, bem se percebe comparando as poesias reclamadas com todas as outras do seu livro, e não se explica senão por um vaidoso e pathologico desejo d'emergir da sombra do Parnasso, que até alli o cobria Julgando que as minhas composições (ainda incorreptas) fariam reconhecer-lhe não sei que superioridade sobre alguns contemporaneos, não resistiu a dar-lhes o seu nome.

Mas não podia contar com a minha paciencia até ao ponto de

não denunciar a sua ridicula infidelidade, ao menos ácerca do «Firmamento» por ser a prova de me haver «antecipado» dez annos sobre as idéias scientificas oppostas ao «Systema do Mundo» de Laplace, que só começou a ser refutado em 1863 por um mathematico americano, como se lê em Flammation—(E'tudes sur l'Astronomie).

E note-se, d'aquella obra, que não intendeu, nem podia entender, fingiu ter extrahido a poesia, que está a contradizel-a em muitas estancias.

Foi o sr. engenheiro Eduardo Falcão a quem primeiro illudiu—emprestando-lhe o «Systema do Mundo» (não sei para quê) passados quinze dias (!) levou-lhe o poeta o «Firmamento», e disse-lhe, «veja se ahí está a poesia da sciencia».

Charlatão!
Inconsciente, arriscou-se a que o sr. Falcão desse com a fraude, se acaso se lembrasse de interrogar-o sobre as origens ou a razão de cada estancia.

Em Coimbra informei-o de que a «ruina dos mundos», objecto da poesia, a sciencia d'então não a demonstrava, era eu só, que a induzia, e a considerava como averiguada.

Por isso até receei publical-a (note-se).

Mas o heroico Passos, completamente estranho ás sciencias indispensaveis á criação do «Firmamento», sem saber que era a negação do «Systema do Mundo», veio apresental-o áquelle distincto engenheiro como inspirado da leitura do grande Laplace, que no seu livro affirmava pelo contrario a «estabilidade eterna dos mundos.»

O seu fim occulto era sem duvida certificar-se pelo conceito do sr. Falcão, se era cousa digna de roubar-se.

O bondoso engenheiro devia ficar surpreso—e não podendo desconfiar do logro, admirou o poeta, e eu tambem o admiro.

Louca ou admiravel foi a sua imprudencia, mas feliz, porque a não soube senão depois, que falleceu. Vou dizer como.

Em 1858 achava-me em Fernelan, e ao lêr o annuncio da 2.^a edição dos seus versos (não soube da 1.^a) agitou-me o receio de que o illustre Passos honrava com o seu nome as filhas da minha musa, e eu não queria tamanha gloria para ellas.

Não vem para aqui o dizer, porque já decorrerá mais de um anno quando fui ao Porto. Entrando na Livraria-Moré pedi o livro do S. Passos, abrindo-o logo no meio do Firmamento, alvorocou-me, como é natural, vejo «que está dedicado a Silva Ferraz», volto as folhas, procuro o fim, nenhuma nota,—as outras poesias, que reclamo, lá estão tambem com os «mesmos titulos, que lhes dei», indignou-me, declarou o roubo em voz alta, virando-me para o sr. Dr. Candido Gonçalves Mamede, que me escutava, peço-lhe que me acompanhe a casa de Soares de Passos.

Sahimos, e ao chegarmos ao meio da praça de D. Pedro per-

gunto-lhe, onde mora Soares de Passos?

—Alli, junto á casa da cama- ra, o irmão, porquê o poeta mor- reu.

—Nada feito, era o poeta, aquem eu na presença de V. Ex.ª que- ria lançar em rosto o seu indeco- roso procedimento para commigo: e voltamos para a Livraria.

Ainda d'esta occorrença se entrelembra o sr. Magalhaes, en- tão empregado na Casa-Moré.

Mas porque o illustre plagiario dedicou o «Firmamento» a Silva Ferraz?

Como este seu amigo me ouviu em Coimbra recitar ao poeta e a ell' as poesias, que são o motivo d'estas questões desagradaveis, é claro, pensou com tal homenagem obter a sua reserva sobre um fac- to, que denunciado não deixava duvida sobre quem era o auctor, se eu um dia as reclamasse.

Mas tinha a certeza de eu as não ter recitado a outros, como é verdade, e como contarei?

Em quanto viveu Silva Ferraz, pouco me importou o modo de jus- tificar reclamação — o seu tes- timunho era decisivo—mesmo ago- ra contra os Bardos.

Soares de Passos podia ter pu- blicado o «Noivado» em 52, e ou- vil-o em 54, como uma poesia ine- dita, de que não havia noticia?

Varias vezes perguntei por Sil- va Ferraz no Porto, ninguem sou- be informar-me, onde residia.

Julguei que o mesmo destino o reunira ao seu amigo.

Durante a vida do poeta não sei se foi discreto,—talvez—mas 13 ou 14 annos depois que este falleceu, interpellado por mim, confirmou o plagio sem hesita- ção. Cansarei os leitores com por- menores, mas não esquecerei ne- nhum, que os esclareça.

Em 1873 ou 1874 estava eu na luvria de uma senhora hespanho- la estabelecida em Lisboa e no largo das duas Igrejas—seriam oito horas da noite: quando vejo entrar Silva Ferraz—mal o cum- primento, exclamo; ha muito tem- po que o procuro, está aqui no Lyceu?

—E' verdade.

—Então V. Ex.ª não se lembra de que recitei em Coimbra o «Fir- mamento» e o «Noivado do Sepul- chro»?

—Lembro-me, sim, e d'outras mais.

—Como é que Soares de Pas- sos offereceu a V. Ex.ª o «Firma- mento»?

—Encolheu os hombros.

—V. Ex.ª não se dignará dar- me um attestado de tudo?

—Sim senhor, mas eu tenho alli minha mulher á esquina, va-

mos ao theatro, não posso demo- rar-me, e um outro dia tratare- mos d'isso.

Tive que voltar a Aveiro, e durante a minha demora leio nos jornaes a morte de Silva Ferraz, successo, que me desgostou pro- fundamente, jámais inquieto pela minha honra, (hoje menoscabada pelo sr. Theophilo) do que pela gloriosa de auctor.

Por esse tempo o sr. Bulhão Pato, um verdadeiro poeta, e com igual talento d'orador, que me distinguui traduzindo a minha poesia em francez, intitulada— «Méditation, ou l'Esprit d'une Fleur», convidara-me a ir-mos a Vallé de Lobos contar a Alexandre Hercu- lano as proezas do sr. Passos.

«O Alexandre», dizia o sr. Bu- lhão Pato, hade gostar de sabel-as.

Note-se, o unico retrato, que servia na bibliotheca do grande historiador, era o do sr. Passos. E eu não queria lá apresentar-me sem uma prova decisiva.

O empregado da «Luvria», que me disse ter prestado toda at- tenção ao dialogo, e a senhora de Silva Ferraz, se ainda existem poderão abonar este facto.

Até a minha correspondencia com o sr. Theophilo fornece um argumento um tanto valioso. Ape- nas vi citado nas «Ideias Moder- nas» o n.º 4 dos Bardos de 52. Co- mo contendo o «Noivado», logo lhe escrevi, e protestei energicamen- te, «que isso era impossivel».

Recebi depois a Edição de 54, e escrevi outra vez, dizendo-lhe, os Bardos, que o sr. tem, e eu ago- ra estão em volume na Edição de 54, e não são os «genuinos, ou os primitivos, publicados e distribui- dos» em 52.

E de facto assim era.

Como é que eu posso assever- ar com tal firmeza ao proprio au- ctor das «Ideias», que não viu o «Noivado» nos Bardos de 52, se não houvesse uma circumstancia assaz forte, em que eu me fundas- se, e essa circumstancia, qual po- dia ser senão o ter eu composto o «Noivado» em 53, e por isso não ser possivel «que nenhum Bardo, ou qualquer outro jornal o publi- casse em 52»?

Então o sr. Theophilo é que deu voltas, e pretendeu provar-me (!), que a Edição de 54 fora feita com os Bardos primitivos ou originaes, e que por isso era authen- tica a data de 1852, «posta na cru- zeira» do N.º 4, onde se acha o «Noivado».

Aqui é onde a porca force a cauda.

Como sabe o que se passou no interior da typographia, donde sa- hia a Edição de 1854?

—Ti'arraes, ti'arraes, onde es- tá o meu Antonio, diga-me onde é que elle está?

E o bom velho então sem po- der conter as lagrimas, ao conhe- cer a pobre Rosita, respondeu-lhe soluçando e apontando o mar:

—Está acolá... E' Deus quem manda! Mas espera, que elle vol- tará...

Foi então que do meio da tur- ba, novamente alarmada e cada vez mais em grita com a certeza da morte de sete homens—sete fa- milias desgraçadas, sem arrimo e sem pão—correu em direcção ao cadaver, que se achava estendido na areia, uma mulher ainda moça e linda, mas desgrenhada e palli- da, os olhos muito abertos, os bra- ços hirtos e as mãos crispadas, como que procurando agarrar ner- vosamente no espaço qualquer coi- sa que lhe fugia.

Chegando junto do corpo inerte e regelado do pobre Antonio da Aleixa, soltou um grito vibrante, medonho, quasi selvagem, e de- ixou-se cahir sobre o cadaver d'es- se herculeo rapaz, trabalhador e honesto, a quem a morte acabava de roubar traiçoeiramente a felici- dade—esse pedaço de céu que ainda ha bem pouco tanto e tanto lhe sorria, transformando-lhe o pequeno lar n'um suave paraizo cheio de encantos e amor.

Como prova, que nenhum dos Bardos se alterou, ou que alguma das suas folhas se não reimprimiu, no todo, ou em parte?

Como se limita a affirmar gra- tuitamente, que o Bardo nunca foi impresso, ao menos em algu- mas das suas folhas?

Ha um testemunho insuspeito, que o affirmou, e nega-o?

Com que razões?

Não satisfeito ainda o critico do passado e do futuro na Revis- ta Litteraria do Seculo á maior luz da imprensa, quiz abafar os meus protestos com a sua biblio- graphia.

As minhas extranhezas sobre a numeração das paginas na Edi- ção de 54, sobre a falta do nome do jornal nos numeros excepto no 3.º e outros reparos confessemos, sejamos justos, o sr. Theophilo os desfez com a sciencia e a profun- deza de um typographo. Aqui os meus parabens.

Mas chamal-os hypotheses «cu- riosos» não admitto—eu não indi- quei senão uma só, e essa—«in- fallivel» a qual se provou.

Tambem «não dei voltas, por- que não precisava de as dar—pa- ra mim o caso era simples e cla- ro. Eu não preciso de inventar va- rios modos d'explicar a fraude do sr. Passos—a explicação é uma só, e destroe a «imaginaria» au- thenticidade do sr. Theophilo.

No repetir em «serie» os meus protestos, onde a verdade escalda, a par dos famosos pormenores bi- bliograficos, inuteis, noto a visivel e odiosa intenção de tornar sa- liente a supposta falsidade, que temeraria e indignamente me at- tribute, e á qual nem os Bardos nem todos os Theophilos podem ti- rar o caracter de uma calumnia infame.

Provar, que um papel e uma data são authenticos só porque a data se acha n'esse papel, fazer prova com o provando, é erro crasso, mas não o será na mente dos pedantes encartados.

Emquanto ao «Firmamento» des- culpavel era no sr. Theophilo não conhecer bem o assumpto, mas desde que resolveu contradizer- me, cumpria-lhe enfarinhar-se nas ideias scientificas, que são a base da minha reclamação; em vez d'isso recorreu á visionaria e ridicula «sugestão psychologica» para explicar o milagre do igno- rante e destemido plagiario ter composto a «minha poesia».

Sem instrucção alguma nas sciencias naturaes, sem curso pu- blico, nem mesmo o dos lyceus, que não existia no seu tempo, sem estudo particular, invoco o testemunho do sr. arcebispo de

Essa pobre mulher, a quem a Dôr, sempre cruel e inexoravel, assim tão duramente feria em plena mocidade, rasgando-lhe fi- bra a fibra o coração, era a jovial e linda Rosita, a flor da praia, co- mo todos na beira-mar lhe chama- vam.

Abraçada ao cadaver do seu adorado Antonio, que de peito nú, bocca entreaberta n'um doloroso sorriso e labios arroxeados, pare- cia ainda querer dizer-lhe o ultimo adeus, ella acariciava-o e beijava-o, como que procurando ino- cular-lhe a vida em cada um d'es- ses beijos ardentes e febris, mas as suas meigas caricias e aos seus apaixonados beijos, apenas respon- dia o côro de lamentações dos que presencavam, com a alma alan- ceada, uma scena tão horriavelmen- te triste.

E a pobre rapariga, depois de chamar repetidas vezes, inutilmen- te, e com a voz entrecortada pelos soluços, o seu adorado esposo, le- vantara-lhe a cabeça para melhor fitar o seu rosto; mas n'um movi- mento brusco, aterrorisada, logo a deixava cahir pesadamente sob- re a areia.

Juntando então as suas peque- nas mãos, n'uma attitudé dolori- da, que bem revelava o estado d'aquella alma, victima da maior das amarguras, exclamava com

Calcedonia, não o compoz nem era capaz de compol-o.

Quem foi que authorizou o sr. Theophilo a conceder-lhe a elabo- ração artistica e a mim só o for- necimento da materia prima? A critica litteraria devia designal-o.

Foi á tôa? está visto.

A sugestão psychologica sup- põe alguns conhecimentos ante- riores, que habitem o espirito a receber—a ora o sr. Passos não estava nem bem nem mal prepa- rado para ella—contemos um in- cidente da recitação do «Firma- mento» em Coimbra, que nos reve- la a sua inconsciencia; não lhe foi possivel comprehender, que a terra podia não ser vista das es- tellas Silva Ferraz, tomando a palavra, em vão quiz explicar-lhe essa «transcendencia». Isto basta.

Sou sério, preso-me de ser, naturalmente, sem necessidade de

preceitos de qualquer especie, que obedeça—não consinto uma som- bra, um ridiculo, sobre o meu ca- racter não posso desprezar a cal- umnia que cita documentos, ain- da que sejam do genero da Edi- ção dos Bardos.

Esta edição é tão authentica em relação ao «Noivado» como a carta de Ayres Barbosa.

Repto ao sr. Theophilo. Se apparecer um Bardo de 1852, ou de 1853, dos «publicados e distribuidos» n'esses annos, con- tendo o «Noivado», eu rompo a ca- beça com uma bala na presença do sr. Theophilo.

Se o «Noivado» lá não estiver, será o sr. Theophilo que d'igual modo arrombará a preciosa es- pheras, que sustenta sobre os hombros.

(Continua). Lourenço d'Almeida Medeiros.

LITTERATURA

VIGILIA

Nas horas que o mundo descansa da vida, E quando surgindo nos montes d'além A lua se eleva e dos ares pendida M'encara e saudosa parece que vem,

E' grato o silencio envolvendo a paisagem; Das noites serenas o aspecto seduz; Quão doce murmura nas folhas a aragem! Que mimo, que affago na angelica luz!

Os ninhos já dormem nas ramas viçosas, E eu velo scismando n'um ermo jardim. Alli eu me sento bem perto das rosas, Ainda a sorrirem em torno de mim.

Nos seios forrados de molles arminhos Os germens occultos estão a gerar! Aromas presumo que sejam carinhos... Que sentem as rosas não ousa negar!

Ao longe a seara nos campos verdeia— D'onde é que lhe veio o poder creador?! A terra nos ama, consola-me a ideia De a tudo prender-nos um laço d'amor—!

Do ser quem resolve o mysterio profundo, No qual é de balde continuo scismar—? No espaço que brilho! que alento no mundo! Que aneio de vida na terra e no mar!

A noite descobre o universo infinito— Na mente que assombro produzem os ceos?! Nos ceos que deslumbra me absorvo e medito; Acaso estaremos em face de um Deus?!

A ti, Firmamento, se os olhos levanto, Eu logo me lembro com intima dôr D'haveres outr'ora inspirado esse canto, Que um vate infiel me roubou sem pudor.

NOTICIARIO

PESCA

O producto total da pesca na Costa do Furadouro, desde Janei- ro até 30 de Junho do anno cor- rente, é o seguinte:

Table with 2 columns: Companhas, importancias. Rows include Snr.ª do Soccorro, S. Pedro, S. Luiz, Boa-Esperança, and Total Rs.

DESPEDIDA

José Maria Pinto Catalão, ten- do-se ausentado para Manáus, e não o tendo podido fazer pessoal- mente, vem por este meio despe- dir se de todos os seus amigos e aproveita o ensejo de agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhal-o á estação dos cam-inhos de ferro, d'esta villa, na sua partida.

FOLHETIM

ELEGIA MARITIMA

(Scenas da beira-mar)

(Continuação)

E o andaço crescia de cada vez mais, como que comprazendo- se em tornar mais affrontosa a morte d'aquella pobre gente.

Na praia o alarido tornara-se medonho. Eram mães que chora- vam, loucas de dôr, pelos seus fi- lhos, espozas que chamavam em altos gritos pelos seus maridos, filhos que pediam ao céu a vida de seus paes e creanças que, em- bora inconscientes, completavam o côro dolorosamente tragico que fazia verter sentidas lagrimas ao mais duro coração.

E no meio de tudo isto, o Ti'arraes Manoel, petreficado, os olhos humidos, encarava o mar de braços cruzados sobre o peito.

De repente, porém, ouviu que algum o chamava em altos gritos. Voltou-se e immediatamente se viu preso pelos braços d'uma mulher que, de joelhos, o rosto desvairado e o cabello desgrenha- do, lhe perguntava:

Diante de ti, de teus mundos sagrados,
De toda essa luz a brilhar sobre mim,
Eu juro, que os versos me foram roubados—
Mas sempre a verdade se aclara por fim.

E vós, ó esferas, também palpitantes,
N'um ponto, que certo de lá não vereis,
Que eu vivo, que eu penso, de nós tão distantes,
Lá onde vós ides acaso sabeis?!

Dizei-me se iguaes, se animadas, formosas,
Em vós se repetem as scenas d'aquí?
Se as mesmas paysagens se vestem de rosas,
Se ha entes sensiveis, a que luz sorri?

E só com enlevos, sem odios, nem luctas,
Que haver me repugna onde nasce uma flor—
E os homens, ó terra, que muda m'escutas,
Não perdem jámais seu cruento furor!

A lua entretanto morosa declina—
Nas sombrás um bardo inspirado soltou
A voz que enternece, e com arte divina
As arias modula e ninguem o ensinou!

Uns vagos anhelos d'amor e ventura
Sua alma potente nos hymnos traduz!
E a varsea s'embebe na maga doçura
Que exalam os raios da candida luz!

Então me commove a geral harmonia...
Que um plano este mundo por certo formou!
Nos mesmos enleios, na dôr, n'alegria,
A todos os seres na vida irmanou!

Leal companheiro assim como um pagem,
Tu, astro das noites, nos segués a par,
O rumo conheces da etherea viagem?
Tu sabes aonde devemos parar?

Amigo nos olhas de um modo jocundo;
Ah! não ignoras o nosso viver;
Assistes a quanto succede no mundo—
Porém tu não sabes o mais que hade ser!

Na serie dos globos mais bella e perfeita
Por ultimo a vida será mais feliz?!

Quem sabe, se ao mesmo destino sugeita
Em todos, em todos, se queixa e maldiz!!

Almeida e Medeiros.

8.º do Parto

Realizou-se, no Domingo pasado, a festividade a N. S.ª do Parto, cumprindo-se integralmente o programma que noticiáramos.

As ruas achavam-se lindas e vistosamente ornamentadas, sendo brilhantes as illuminações.

Foi queimada grande quantidade de fogo do Minho, produzindo um effeito encantador.

As bandas de musica d'esta villa executaram com distincção e agrado variados trechos dos seus reportorios.

O arraial foi numerosissimamente concorrido, especialmente

na vespera, em que affluiram muitos forasteiros das freguezias vizinhas e de fóra do concelho, pelo que o transitio, tanto nas ruas como no largo do arraial, se fazia a custo.

Foi nomeada uma comissão composta dos seguintes snrs. para fazerem a festa no proximo anno de 1907:

P.º José Semeão d'Oliveira Gomes, Candido H. Nunes da Silva, Antonio d'Oliveira Leite, José Rodrigues, Manoel da Silva, Francisco dos Santos Brandão e João Corrêa Bolhão.

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

O gallo preto

(A João de Deus)

Ergueu-se o Eusebio da *Entre-cada*.

Era um pequenino de oito annos, muito pobresinho, com um palmito de cara que estava mesmo a pedir pão.

Era um cinco reis de gente, o Eusebio.

—E' o da *Emprégada*—explicou o do moleiro.

—Anda cá, menino—chamou o abbade—anda cá. Tu porque choras?

O pequeno aproximou-se para justificar as suas lagrimas, mostrou ao reitor os dois lapis roubados.

Ah! fostes tu, Eusebio?!
E Jesus! O pequeno chorava que era um dó do coração! E nem podia responder; apenas acenava.

Então foste tu. E, olha, para que os tiraste?

—E' que o sr. mestre balbuciou o criminoso—disse-me que trouxesse eu um lapis, e eu não quiz pedir o dinheiro á minha mãe, que está *emprégadinha* na cama, e nem tem dinheiro para o caldo. E depois com medo de que o sr. mestre me batesse.

Pegaste n'um lapis. Foi assim?—concluiu o parochio.

—Foi, sim, senhor.

—Mas tu tiraste dois!

O pequeno desatou a chorar.

—Para que tiraste dois?—insistia o padre.

—Era que—explicou Eusebio para quando se acabasse um!...

O mestre estava já de palmatoria prompta.

O Eusebio estendeu resignado a mãosinha trémula.

Basta—terminou o abbade.

—Eu prometti que se perdoava a quem confessasse. Para outra vez, querendo alguma coisa, vae-me pedir, ouviste? Que eu não tenho tempo de saber o que vos falta. Ora vae para o teu logar, e promette que não tornas a fazer outra.

O mestre Joaquim *sentiu muito* não aplicar o correctivo.

—Deixe lá, sr. Joaquim—dizia-lhe o abbade. E' preciso muita misericordia para tratar as crean-

1.ª communhão

Pelas 6 horas da manhã de hoje sahirá da Capella de Santo Antonio em direcção á Igreja matriz, a procissão das creanças d'ambos sexos, que vão fazer a sua primeira communhão, acompanhadas da «Banda dos Bombeiros Voluntarios» que durante o trajecto executará a canção religiosa propria deste acto.

Chegada á igreja principiarão as allocoções referentes a esta cerimonia, feitas pelo R.º Padre Borges havendo missa resada pelo Rv.º abbade que administrará, na altura competente, a communhão ás creanças, ás quaes será entregue uma linda estampa como recordação d'esta tocante cerimonia.

Coração de Jesus

Em seguida á cerimonia da 1.ª communhão realisar-se-ha a festividade do coração de Jesus, principiando por missa solemne a grande instrumental, com exposição do S. S., e sermão ao Evangelho, pelo Rev.º Dr. Dias Silveiras, e de tarde, pelas 5 horas, vespersas solemnes, sermão e em seguida procissão.

Festividade do Santissimo

No proximo domingo haverá na Igreja matriz a festividade do SS., com missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho, e de tarde, vespersas solemnes, sermão, e em seguida procissão.

JURADOS

Relação dos jurados sorteados no dia 1 do julho do corrente mcz. e que tem de servir no segundo semestre de 1906

- Antonio Pinto Lopes Palavra. Maravalhas--Ovar.
- Dr. João Maria Lopes. S. Pedro--Ovar.
- Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves. Ribeira--Ovar.
- Victorino Alves Ferreira Ribeiro. Areal--Ovar.
- Manoel José de Rezende. Espinho--Vallega.
- Ernesto Augusto Zagallo de Lima. Praça--Ovar.
- Antonio Francisco d'Almeida.

ças. Lembre-se do que dizia Jesus: *S mite parvulos venire ad me.*

O mestre, que não sabia latim, mas que diante do curso quiz occultar a ignorancia, respondeu a sorrir com ares de quem percebia:

—*Et cum spiritu tuo!*

Está no céu!

Um sargento de atiradores, que, desde a madrugada, tinha percorrido oito leguas, a pé sem descansar, entrou n'uma taber a que ficava á beira da estrada, e perguntou se era por ali que morava Maria La Courdaye.

O taberneiro descobriu-se respeitosamente deante do soldado, e, saindo á porta, estendeu o braço, e indicou-lhe:

—E' ali, do lado direito. Abra uma cancella e entre.

—Obrigado! Boa noite—agradeceu o militar. E dirigiu-se apressadamente para lá.

No muro da estrada havia uma cancella de pau; e aberta a cancella, atravessando-se por um caminho assombreado de algumas arvores frondentes, via-se ao fundo a modesta casinha branca, es-

- Castanheiros--Esmoriz.
- Manoel Gomes Laranjeira. R. da Graça--Ovar.
- Antonio d'Oliveira Picado. Outeiro--Ovar.
- Antonio Gonçalves Pinto. Estrada Nova--Esmoriz.
- José Maria Rodrigues Borges. Bajunco--Ovar.
- José Maria Dias de Rezende. S. Thomé--Ovar.
- Antonio Maria de Moraes Ferreira. Espinho--Vallega.
- Francisco Ferreira Dias. Ferradores--Ovar.
- Francisco Ferreira Lamarão. Ribas--Ovar.
- Manoel Ferreira Dias. Pôça--Ovar.
- Antonio Ferreira da Costa. Aldeia--Esmoriz.
- Constantino Gomes de Pinho. Estação--Ovar.
- Manoel d'Oliveira Ramos. Rua da Graça--Ovar.
- Manoel Caetano do Amaral. Carv.º de Cima--Vallega.
- Manoel Dias de Carvalho. Largo do Chafariz--Ovar.
- Manoel Ferreira da Costa. Quintans--Esmoriz.
- Manoel Gomes da Silva Bonifacio. R. da Praça--Ovar.
- Manoel Pereira de Mendonça. Villarinho--Vallega.
- Manoel Joaquim da Fonseca Guerra. Rossadas da Espinha--Vallega.
- Francisco Pinto Rodrigues. Cazella--Esmoriz.
- Manoel Soares Pinto. T.ª das Ribas--Ovar.
- Dr. Gonçalo Huet de Bacellar Sotomaior Pinto Guedes. Outeiro--Ovar.
- Manoel José d'Assumpção. Guilhovae--Ovar.
- João da Graça Corrêa. Ribas--Ovar.
- Antonio dos Santos. S. João--Ovar.
- Joaquim Antão Pereira. Seixo Branco--Vallega.
- João Tavares Cardoso. Estação--Ovar.
- Manoel Rodrigues Valente Lopes. Outeiro--Ovar.
- Antonio Rodrigues Branco. Igreja--Cortegaça.
- Delfim José de Souza Lamy. Chafariz--Cortegaça.

FURTO

Roza, mulher de Albino Rodrigues, do logar do Outeiro, freguezia de Travanca, concelho da Feira, na noute de 2 para 3 do corrente furtou á Snr.ª Rosalina Coimbra, da rua do Bajunco, d'esta villa, um anel d'ouro com brilhantes.

Apresentada a queixa na ad-

candida entre a verde ramaria de uns carvalhos.

Tinha ao lado uma leirita plantada de horta; e, á sombra de um choupo, mais no fundo, uma pia de pedra, ande murmurava uma veia de agua muito crystalina. Do esgalho de uma arvore prendia-se ao tronco de outra uma corda, estendidas na qual alvejavam, expostas á luz prependicular do sol do meio-dia, umas roupinhas brancas de creança. No cunhal da casa havia uma parreira, que subia encostada á parede, com as suas largas folhas de um verde tenro, d'entre as quaes pendiam os cachos escuros com os bagos cobertos do pó luzente e subtil das estradas. Da chaminé desenrolava-se serenamente uma espiral branca de fumo, que se expandia pelo ar, em nuvensinhas turbinosas. A casinha branca, de um só andar, apparecia encastoadá no fundo escuro de uma collina. E no cabeço do outeiro, a espessura immovevel e macia de um pinheiral fechava o horisonte, como um largo reposteiro de velludo verde.

N'essa casa vivia uma formosa mulher na companhia de dois fi hos.

(Continua)

ministração d'este concelho, o administrador dr. Marcelino officiou ao administrador do concelho da Feira, pedindo a captura da criminosa e apprehensão do furto.

D. ANTONIO BARROSO

Em cumprimento de visita pastoral, chegou á freguezia de cortegaça no dia 30 do mez findo, o Ex.º Snr. D. Antonio Barroso, illustre prelado d'esta diocese.

Os cortegacenses fizeram a S. Ex.ª e Rev.ª uma recepção imponente

Sua Ex.ª regressou ao Porto no dia immediato, no comboyo-correio da noute, tendo, na estação dos caminhos de ferro de Esmoriz, uma despedida cordeal e entusiastica.

EDITAL

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente-coronel e commandante do districto de recrutamento e reserva n.º 24.

Faz saber para os devidos effeitos que, nos termos do § 1.º do artigo 73 do regulamento para a organisação das reservas de 2 de novembro de 1899, são convocados para o 1.º periodo de 30 dias d'instrucção, os reservistas da 2.ª reserva do regimento d'infanteria de reserva n.º 24, residentes ou domiciliados na freguezia de Arada, Cortegaça, Esmoriz, Maceda, Ovar, S. Vicente e Vallega concelho de Ovar, devendo para tal effeito apresentarem-se no quartel do regimento d'infanteria n.º 24 no dia 1 d'agosto de 1906.

Os reservistas que se deixarem de apresentar, no tempo competente segundo o prescripto no artigo 73 do sobredito regulamento, serão considerados desertores e punidos nos termos dos artigos 126 e 135 do codigo de justiça militar.

Quartel em Aveiro, 26 de Junho de 1906.

O Commandante

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente-Coronel.

Arrematação

No domingo, 15 de julho proximo pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal do commercio d'esta comarca, sito na Praça de Ovar e a requerimento do administrador da fallencia do commerciante Manoel Dias Vieira, solteiro, da Cancellia de Cortegaça, hão de ser postas em praça para serem arrematadas por preços superiores aos das avaliações, todas as fazendas arroladas na dita fallencia Para arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 27 de junho de 1906.

Verifiquei a exactidão

O Juiz Presidente do tribunal do commercio.

Lobo Castello Branco

O escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

CANDIDO—DENTISTA

Largo dos Campos—Ovar

Participa aos seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento para aquelle Largo, onde executa todos os trabalhos dentarios e prothese com perfeição e modicidade de preços.

Collocam-se dentes desde 10000 sr. a 30000 rs.

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappaes, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Almanak do Velho Astrologo Saragoçano	60
Almanak Imperador dos Seringadores	60
Almanak Propheta da Europa	40
Cancioneiro popular das festas do Menino de Deus, ou Repositorio completo de todas as cantigas de boas-festas do Natal, Janeiras e Santos Reis.	60
Novas cantorias cantadas ao desafio entre Manoel e Maria.	60
Orações de Nossa Senhora do Monserrate, do Justo Juiz de Nazareth e das Cinco Chagas. Cada uma	10
Ramallete de cantigas populares portuguezas (n.º 4)	60
Reportorio do importante Saragoçano, pelo astrologo trasmontano	20
Reportorio do verdadeiro Borda Leça, pelo mesmo	20
Reportorios do verdadeiro Borda d'Agua (chapéo, carapuça estreita e carapuça larga). Cada um	20
Testamentos de diversos animaes (16 n.º). Cada um	10
Colleção completa: 1 vol. de 256 paginas, brochado	120
Verdadeira arte de cada pessoa conhecer a sua signa	20

Fazem-se grandes descontos aos snrs. revendedores.

ESTAÇÃO CALMOSA

Sou forçado a não mais ao LUZIO
O seu VINHO gabar no JORNAL;
Pois é justo, eu digo e repito
Que depressa termine este mal.

—As DONZELLAS SOLTEIRAS já 'stão
C'o as VENTAS TORCIDAS, zangadas;
E já muitas mandaram calar-me
Sob pena das CALÇAS... TIRADAS.

E' o caso: S'eu fosse escrevendo
Estes versos; eu bem desconfio!
—Os rapazes trocavam as PÉPIAS
Por um copo do TAL... do Luzio.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.